



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA- UniCEUB
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

IZABELLA MENDONÇA CAVALCANTE

**PRAÇAS DE BRASÍLIA: UM ESTUDO SOBRE OS ESPAÇOS PÚBLICOS COLETIVOS DO PLANO
PILOTO**

BRASÍLIA

2020



IZABELLA MENDONÇA CAVALCANTE

**PRAÇAS DE BRASÍLIA: UM ESTUDO SOBRE OS ESPAÇOS PÚBLICOS COLETIVOS
DO PLANO PILOTO**

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e Pesquisa pela Faculdade de Tecnologia e Ciências Aplicadas - FATECS

Orientação: Prof. Dra. Junia Marques Caldeira

BRASÍLIA

2020

AGRADECIMENTOS

À minha família que sempre esteve ao meu lado me apoiando ao longo da minha trajetória.

À minha orientadora Junia Marques Caldeira pela dedicação, parceria, paciência em me ensinar e por ter aceitado conduzir o meu trabalho de pesquisa.

Aos professores do curso de Arquitetura e Urbanismo do UniCEUB pela excelência da qualidade técnica de cada um.

Aos meus amigos e colegas do curso de arquitetura e Urbanismo pelos momentos de debates.

Além disso, estendo meu agradecimentos à Assessoria de Pesquisa da Universidade, do UniCEUB, bem como ao CNPQ, pela oportunidade de fazer parte deste Projeto de Iniciação Científica o qual contribui de sobremaneira para o treinamento e a formação de novos pesquisadores.

*O conhecimento é a única coisa que ninguém
pode tirar de você.*

RESUMO

Brasília como cidade modernista, foi planejada em setores, o que influenciou os espaços públicos, determinando indiretamente as atividades de cada espaço. Apesar dos espaços públicos coletivos do Plano Piloto sofrerem modificações ao longo do tempo, as demandas físicas e sociais giram em torno de alguns propósitos específicos, os quais são norteados pelas escalas de Brasília. Embora o modelo de Brasília tenha sido estudado em vários aspectos, existem poucos trabalhos investigativos sobre a utilização dos espaços públicos pela população. Preenchendo esta lacuna, a pesquisa teve como objetivo a análise urbanística dos diversos modelos de praças existentes no Plano Piloto e seu desenvolvimento nos dias atuais, sobretudo, diante do debate em torno da qualidade de vida urbana das cidades contemporâneas, tão em voga nos projetos de requalificação de espaços públicos. O propósito deste estudo foi analisar os aspectos positivos de atração e acolhimento dos espaços, bem como os aspectos negativos que desestimulam o seu uso. A partir de uma abordagem histórica, quatro áreas distintas foram escolhidas para a realização do estudo: a Praça dos Três Poderes, na escala monumental; a Praça do Compromisso, na escala gregária; a Praça do Pedestre e o espaço livre da superquadra sul SQS 308, representante da escala residencial. Essa abordagem permitiu entender a trajetória desses espaços, resgatar o propósito original concebido por Lucio Costa, e estabelecer os principais fatores que geraram transformações no uso e apropriação pelos moradores. Uma das principais estratégias aplicadas no estudo foi a leitura configuracional como método de análise e compreensão do potencial urbano dos diversos espaços estudados, a sintaxe espacial, que permitiu a produção de gráficos comparativos entre os espaços. Essa análise contribuiu, notadamente, para se perceber a relação entre espaço/usuário e destacar como os espaços construídos afetam o seu modo de apropriação. Deste modo, pode-se inferir, para o escopo desta pesquisa, que o plano modernista e a setorização em escalas da cidade de Brasília gerou espaços únicos e conseqüentemente atividades distintas em cada espaço público, a praça dos Três Poderes, por exemplo, possui uma atividade voltada para o turismo e atividades cívicas, já os espaços livres da SQS 308, possui além de atividades voltadas para o turismo, atividades de introspecção e apreciação à natureza. No entanto, de modo a ratificar tal metodologia, caberia, em estudos futuros, ampliar a aplicação desta metodologia para um número maior de áreas, além de avaliar os futuros usos nos espaços analisados nesta pesquisa, já que o urbanismo e a interação com os espaços públicos estão em constante mudanças.

Palavras-Chave: Praças. Espaço público. Plano Piloto de Brasília.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	3
RESUMO	5
1. INTRODUÇÃO	7
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
3. MÉTODO	15
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	17
4.1 CONTEXTO HISTÓRICO DAS PRAÇAS	17
4.1.1 A PRAÇA BRASILEIRA	21
4.2 A CONCEPÇÃO URBANA DE BRASÍLIA - UMA EXPERIÊNCIA MODERNISTA	24
4.3 AS PRAÇAS DE BRASÍLIA	29
4.4 SPACE SYNTAX - UMA ANÁLISE ESPACIAL	30
4.5 CARACTERIZAÇÃO DAS ÁREAS DE ESTUDO	31
4.5.1 A PRAÇA DOS TRÊS PODERES	31
4.5.2 A PRAÇA DO COMPROMISSO	37
4.5.3 A PRAÇA DO PEDESTRE	42
4.5.4 O ESPAÇO LIVRE DA SUPERQUADRA SUL 308	45
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
6. REFERÊNCIAS	50
7. APÊNDICE	52
7.1 Questionários realizados para compor a análise de uso das praças.	52
7.2 Entrevistas	53
8. ANEXOS	54

1. INTRODUÇÃO

Aos 59 anos de sua inauguração, Brasília¹ enfrenta importantes desafios de crescimento e ocupação, considerando sua escala territorial, seu *status* de cidade Patrimônio Mundial e a entrada no século XXI. Projetada sob as bases do urbanismo modernista, amplamente defendidos nos CIAMs e na Carta de Atenas de 1933, o Plano Piloto de Lúcio Costa constitui um modelo único de composição formal e urbanística, organizada a partir do conceito de setorização e zoneamento².

Cidade dos espaços livres, o Plano Piloto evidencia a relação espaço livre versus parcelamento tradicional, baseada na recusa da configuração do lote em favor da ideia de espaço contínuo ocupado por edificações laminares e *pilotis*, apresentando, portanto, uma nova linguagem de espaço público/ coletivo.

Como uma cidade planejada, Brasília obteve um desenvolvimento minucioso em vários aspectos e uma das grandes diferenças foi o conceito de *escalas urbana*³ aplicado por Lucio Costa: a escala coletiva ou monumental, a concentrada ou gregária, a cotidiana ou residencial, e, posteriormente a escala bucólica correspondendo à dimensão ambiental, aos espaços verdes e ajardinados.

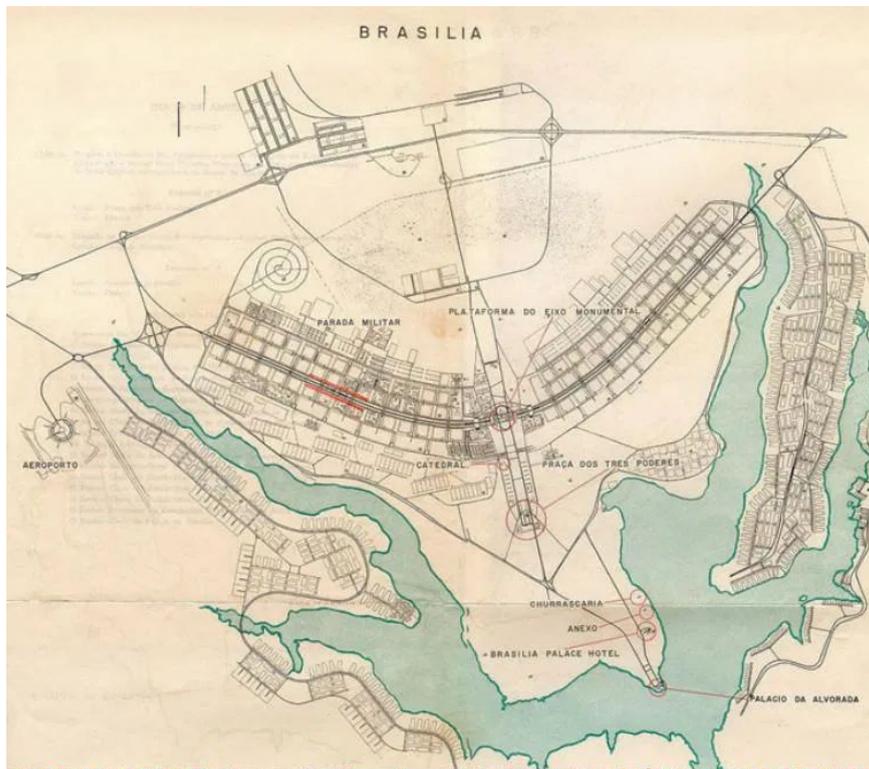
Seu desenho, bastante inusitado, configura a cidade em torno de uma estrutura linear, com a distribuição do sistema viário principal ao longo de dois eixos de circulação: o eixo monumental que contém os edifícios do Governo Nacional e distrital, e o eixo Rodoviário, duas “asas” que abrigam os setores residencial, definidas por superquadras, e o setor institucional e serviços, como pode-se observar na imagem a seguir.

¹ Considera-se no trabalho Brasília como a área planejada do Plano Piloto.

² Ver: Costa, Lúcio. *Relatório do Plano Piloto de Brasília*. Brasília, 1957. e *Registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

³ O conceito de *escalas urbanas* será caracterizado ao longo da pesquisa, no entanto, vale destacar que a escala monumental representa as áreas onde se “concentram as atividades administrativas federais e locais”; a escala gregária, “os setores bancário, hoteleiro, comercial e de diversões”; as moradias, pequenos comércios e alguns equipamentos urbanos, situam-se na escala residencial; e por fim a escala bucólica formada pelas “áreas livres e arborizadas, conferindo a Brasília o caráter de cidade-parque”- <http://portal.iphan.gov.br/>.

Figura 1 - Plano Piloto de Lucio Costa



Fonte: Lúcio Costa (1995)

As superquadras⁴ não são apenas um aglomerado de prédios e casas, agrupadas em torno de 4 constituem um núcleo autossuficiente e dinâmico denominado “unidade de vizinhança”. Possuem espaços de convívio distribuídos em pequenas praças e grandes áreas livres. A quadra modelo SQS 108/308 possui seu núcleo completo com escola classe, escola parque, clube da vizinhança, espaço cultural, biblioteca, posto de saúde, teatro, banco e a Igreja Nossa Senhora de Fátima.

Em cada setor ou ambiente projetado do Plano Piloto desenvolveu-se um conceito particular de espaço público, resultando em uma variedade de praças ou espaços livres não tradicionais. É o caso do setor habitacional das quadras 700. Este setor possui uma formação mais compacta, organizada em torno da tipologia de lotes residenciais e espaços livres de menor escala. Como exemplo temos a Praça do Compromisso (Praça do Índio)⁵ responsável por produzir um ambiente de encontro para os moradores e frequentadores da região.

⁴ As superquadras também conhecidas com a abreviação SQ, são denominadas SQS - superquadra Sul e SQN - superquadra Norte.

⁵ Nome popularmente conhecido. A praça passou a ser nomeada de tal forma devido à um assassinato que ocorreu em 1997, onde um cacique foi queimado vivo enquanto dormia em uma parade de ônibus.

Outro importante setor constitui o Eixo Monumental. Ao longo desse eixo observamos diversos tipos de espaços públicos: grandes gramados verdes e livres, mas também praças, que deveriam servir como área de convivência para os que ali trabalham e para os que circulam eventualmente. A Praça dos Três Poderes, conforme imagem abaixo, constitui o lugar cívico de extrema importância para a sociedade. Abriga os três edifícios símbolos do poder nacional: O Palácio do Planalto, O Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal. Este amplo espaço aberto, gera uma visão sem obstáculos do conjunto e do Lago Paranoá, e diferentemente de outros espaços públicos, não possui vegetação, e nem mobiliário para acomodar os visitantes. Todas essas características formam uma identidade única para a cidade, resultando em espaços públicos diferenciados do urbanismo tradicional.

Figura 2 - Praça dos Três Poderes



Fonte: Autoral

Para entender melhor a espacialidade dos espaços coletivos de Brasília, a pesquisa teve como objetivo a análise urbanística dos diversos modelos de praças existentes no Plano Piloto e seu desenvolvimento nos dias atuais, sobretudo, diante do debate em torno da qualidade de vida urbana das cidades contemporâneas, tão em voga nos projetos de requalificação de espaços públicos.

Nessa direção, foram abordadas algumas questões fundamentais na leitura do projeto de Lúcio Costa, como, qual o lugar da praça na cidade modernista? Como se estabelece o espaço da praça, do ponto de vista conceitual e paisagístico? Qual o papel desempenhado pelo espaço coletivo moderno? E qual a implicação dessa formulação urbana no desenvolvimento e na apropriação contemporânea desses espaços.

A pesquisa destacou a influência dos princípios modernistas e da Carta de Atenas na concepção do Plano Piloto e no posterior desenvolvimento de Brasília, estabelecendo como

área de estudo, as 4 escalas existentes na cidade de Brasília e seus espaços coletivos: Monumental, Bucólica, Gregária e Residencial.

A partir de uma abordagem histórica, quatro áreas distintas foram escolhidas para a realização do estudo: a Praça dos Três Poderes, na escala monumental; a Praça do Compromisso, na escala gregária; a Praça do Pedestre e o espaço livre da superquadra sul SQS 308, representante da escala residencial. Essa abordagem permitiu entender a trajetória desses espaços, resgatar o propósito original concebido por Lucio Costa, e estabelecer os principais fatores que geraram transformações no uso e apropriação pelos moradores.

Uma das principais estratégias aplicadas no estudo foi a leitura configuracional como método de análise e compreensão do potencial urbano dos diversos espaços estudados, a sintaxe espacial. Essa análise contribuiu, notadamente, para se perceber a relação entre espaço/usuário e destacar como os espaços construídos afetam o seu modo de apropriação.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Conceitualmente, a praça, apesar de assumir papéis distintos e apresentar uma diversidade morfológica, possui em sua gênese, o caráter de espaço coletivo, lugar de manifestação, de culto e de ritos, propício à interação social. O conceito de praça aqui utilizado apoia-se na definição de território concebida por ROLNIK (1992:28) no texto *História urbana: História na cidade?*. Segundo a autora, a definição de um espaço como território carrega “uma noção que incorpora a ideia de subjetividade”, pois reflete um espaço real vivido, ocupado por indivíduos que estabelecem entre si relações que se configuram espacialmente. “É a ideia do espaço como marca, como expressão, como assinatura, como notação das relações sociais, como cartografia das relações sociais.”

O documento “Carta de Atenas”, resultante do IV Congresso Internacional de Arquitetura Moderna de 1993, elaborado por Le Corbusier, é um dos estudos fundamentais para se estabelecer as bases do movimento modernista e suas implicações na elaboração do projeto urbano concebido por Lúcio Costa para o Plano Piloto de Brasília. A partir do entendimento dos princípios do urbanismo modernista foi possível destacar a gênese da

cidade e do seu desenho inovador, caracterizado pela setorização e pelo zoneamento funcional. À definição de zoneamento funcional corresponde o princípio da ordenação e da organização de quatro “funções fundamentais”, às quais o planejamento urbano deveria objetivar: habitar, trabalhar, recrear-se (nas horas livres), circular. O princípio da circulação seria o de possibilitar a integração dos diversos setores, permitindo sua acessibilidade. Complementando essas funções básicas sobre a cidade, o conceito de centro público, elaborado por LE CORBUSIER (1989, art. 77), destaca a função e importância de uma área central como o lugar principal de atividades administrativas e cívicas. A leitura do Relatório do Plano Piloto de Brasília (1957), elaborado por Lúcio Costa, nos permitiu compreender as bases teóricas e morfológicas desenvolvidas na cidade de Brasília, com ênfase nos espaços públicos projetados nas diversas escalas espaciais definidas no projeto.

O estudo do espaço praça comparece como tema central nas pesquisas de Robba e Macedo, *Praças Brasileiras* (2002), e na tese de Junia Caldeira, *A Praça Brasileira. Trajetória de um espaço urbano: origem e modernidade* (2007). Ambos estabelecem uma leitura da praça brasileira destacando desde suas características morfológicas e estéticas à dimensão simbólica do espaço como lugar de fundação, marco zero, da maioria das cidades no Brasil. O trabalho de Robba e Macedo realiza uma catalogação dos principais estilos estéticos de praças no Brasil, distribuídos em ecletismo, modernismo e contemporâneo. A praça, segundo Macedo e Robba “são espaços livres públicos urbanos destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos”. Na cidade de Brasília, as praças e os espaços livres não são utilizados da mesma maneira que nas cidades tradicionais, pois o excesso de áreas livres se caracteriza muitas vezes em áreas desertas e sem vida.

As praças, na definição de Caldeira (2007), são verdadeiros nós de confluência social e são espaços essenciais ao cotidiano que representam locais de sociabilidade propícios ao convívio e encontro, porém estão atreladas aos processos de formação política, social e econômica, e são elementos que marcam a estrutura das cidades. Segundo a autora: “com a idealização da cidade modernista, a praça afirma seu caráter de espaço setorizado, fragmentando-se na configuração de centros cívicos, de espaços de lazer esportivo, cultural e contemplativo, espaços de deslocamento e de passagem, e espaços simbólicos, cristalizados na idéia da praça-cenário. Instituem-se espaços distintos, diferentemente do

caráter multifuncional observado na origem das praças coloniais.” Sua tese constitui um estudo sobre a trajetória da praça brasileira, a partir de uma perspectiva histórica, e foi fundamental para situar conceitualmente o papel desenvolvido pelas praças de Brasília.

A arquiteta destaca também que, a partir dos princípios modernistas, as praças foram sofrendo alterações morfológicas e funcionais, desenvolvendo assim espaços setorizados, cuja vitalidade foi gradativamente se perdendo. Atesta que os espaços públicos das cidades contemporâneas têm demandado cada vez mais investimento em melhorias urbanas, resultando em projetos de intervenção cujo objetivo principal é “a retomada da convivência cidadina nos espaços coletivos”.

O estudo realizado pela socióloga Jane Jacobs - *Morte e Vida das grandes cidades* (1961) é uma referência para o entendimento da trajetória da cidade modernista. Em seu livro a autora realiza uma análise crítica dos princípios do urbanismo modernista, com base nas formulações do CIAM e da Carta de Atenas, refutando o modelo de setorização, ou organização espacial segundo funções distintas. Destaca a complexa relação entre espaço urbano/usuário afirmando que a existência de grandes espaços livres não é garantia de uma boa qualidade de vida urbana e social. Defende que estratégias de um bom desenho paisagístico precisam também contemplar a segurança e o conforto dos usuários para que os espaços possam ser bem apropriados. Segundo Jane Jacobs, existem parâmetros essenciais para a projeção de espaços coletivos como a centralidade, o limite, a diversidade de usos, áreas de sombra e áreas ensolaradas, e um entorno pulsante que possa alimentar e gerar vivacidade no espaço. A contribuição do seu estudo nos permitiu aprofundar o olhar sobre a configuração dos espaços livres da cidade de Brasília, concebida exatamente com o princípio do espaço setorizado.

De caráter mais atual, os trabalhos de Borja e Muxi, *El espacio público: ciudad y ciudadanía* (2003), fornecem as bases para o entendimento do fenômeno urbano atual e o modo de apropriação dos espaços pelos seus habitantes, onde os autores mostram a importância dos espaços públicos nas expressões populares⁶. Em destaque o espaço público e sua valorização com a retomada da vitalidade espacial, a partir das políticas de intervenção patrimonial. Essa preocupação com a requalificação urbana prioriza a

⁶ Os autores citam como exemplos as manifestações, desfiles e eventos comemorativos como o carnaval (do Rio de Janeiro e de Veneza).

construção de uma imagem de cidade, baseada no resgate de identidades e raízes, pessoais e coletivas. Nesse contexto, o espaço público ressurgiu como indicador de qualidade urbana, e elemento principal para desencadear a melhoria de áreas degradadas e abandonadas da cidade tradicional, mediante projetos de requalificação.

Autores como Jan Gehl, crítico do urbanismo modernista, em seu livro *Cidades Para Pessoas* (2014) propõe pensar a cidade em termos de 3 escalas: a grande que abrange bairros e funções, sendo a cidade vista de cima; a média, que refere-se ao desenvolvimento da cidade e como os bairros devem ser projetados; e a escala pequena, que seria a cidade experimentada por pessoas. Afirma que essas três escalas mescladas harmonicamente produzem uma sequência de espaços bem articulados entre si. Defende que a qualidade de vida ideal se apresenta sobretudo nas cidades cujos investimentos priorizaram a vitalidade dos espaços livres e sua consequente apropriação pelos seus usuários. A dimensão urbana pensada na escala do pedestre deveria ser um dos principais objetivos dos planejadores. Nesse contexto, espaços livres públicos como praças, parques, calçadas deveriam promover a diversidade de usos e funções para atrair um público maior e gerar essa vitalidade urbana. Seu trabalho busca evidenciar uma reorientação no planejamento urbano das cidades contemporâneas, em favor de pedestres e ciclistas, buscando a conscientização pela população da importância de se apropriar dos espaços livres da cidade. Os autores acima, tanto Borja e Muxi como Gehl, defendem uma cidade mais inclusiva com ênfase na vitalidade dos espaços públicos. Seus trabalhos foram fundamentais para se estabelecer uma comparação com a atual situação dos espaços públicos estudados e indicar possíveis estratégias de adequação espacial.

Para compor a metodologia de análise do espaço urbano praça utilizou-se como ferramenta a sintaxe espacial e a leitura de configuração da cidade, desenvolvida por Ludmilla Fernandes e Valério Medeiros (2014). Segundo os autores, um dos objetivos centrais da sintaxe espacial é estabelecer relações entre os espaços e a sociedade “entendida como um sistema de probabilidades de encontros”, partindo da premissa de que “a organização espacial humana, seja na forma de assentamentos, seja na forma de edifícios, é o estabelecimento de padrões de relações compostos essencialmente de barreiras e permeabilidades de diversos tipos”⁷. Os autores estabelecem três estratégias

⁷ Ludmilla Fernandes e Valério Medeiros (2014)

básicas de representação para entender a relação do indivíduo com o espaço: a primeira é a movimentação das pessoas por meio de linhas, podendo ser uma representação linear ou um mapa axial; a segunda é o agrupamento em espaços convexos, mapa de convexidade; e a terceira é a dominação do campo visual por meio de qualquer ponto determinado, podendo ser feito um mapa de visibilidade ou isovistas.

Como exemplo, pode-se observar o mapa produzido pela leitura axial do distrito federal e do Plano Piloto, na figura abaixo (FIG. 3). Por meio da interpretação do mapa é possível identificar uma boa integração do sistema urbano do Distrito Federal, e observar que os eixos bem integrados conectam às praças das cidades, qualificando positivamente a urbanidade. Entretanto, sob a ótica de uma escala local, como por exemplo, na análise da Praça dos Três Poderes, verifica-se que o desempenho da urbanidade se torna prejudicado devido às dimensões monumentais que destoam da escala do pedestre⁸.

Figura 3 - Mapa axial do Plano Piloto de Brasília



Fonte: autoral produzida no programa DEPTHMAP

O estudo do mapa axial de uma cidade é muito importante para entender o funcionamento da malha urbana e os fluxos de uma rua, entretanto, como afirmava Jane Jacobs: a parte mais importante de uma rua, é a calçada, pois é ela que acolhe os pedestres,

⁸ Segundo os autores, os grandes espaços vazios tendem a promover uma impressão de isolamento, sobretudo se o entorno do espaço não possui um fechamento por meio de planos verticais, e há predominância de vazios.

embora esteja associada à circulação, não é sinônimo dela, como afirmava. Segundo a autora, as ruas e as calçadas possuem uma grande importância dentro da dinâmica de uma cidade, são “órgãos vitais”. De acordo com a autora, se as ruas das cidades não possuem violência e medo, a cidade está razoavelmente segura, entretanto, quando as pessoas de uma cidade dizem que não se sentem seguras, significa que não se sentem seguras nas ruas. A análise dos mapas deve seguir conjuntamente com a análise das condições de apropriação que a cidade oferece aos seus cidadãos.

3. MÉTODO

A pesquisa desenvolvida para compor o estudo das praças da cidade de Brasília trata-se, segundo LAKATOS e MARCONI (2017), de uma pesquisa do tipo exploratória descritiva. A possibilidade de levantar dados e informações dos objetos de estudos, objeto de referência e objeto de análise, possibilitará a formulação dos problemas que envolvem a leitura dos espaços públicos coletivos e as diversas apropriações pelos seus usuários.

Os métodos utilizados para coleta de dados nesta pesquisa exploratória serão detalhados a seguir, contudo, estão reunidos em caráter bibliográfico, que visa complementar os autores descritos no referencial teórico; documental e levantamento de campo por técnicas de coleta de dados direta por documentação direta e indireta e observação direta intensiva não participante. A análise dos dados levantados, dada toda a natureza descrita anteriormente, poderá ser realizada de forma quantitativa e qualitativa.

A pesquisa seguiu a ordem das etapas abaixo:

1. Pesquisa Bibliográfica relacionada ao tema que envolve o debate sobre a cidade modernista e o uso dos seus espaços livres, destacando a importância conceitual da praça brasileira e da sua apropriação como espaço de sociabilidade;
2. Pesquisa documental a partir da coleta de dados referente aos objetos de estudo. Essa etapa buscou recolher dados teóricos e iconográficos para estabelecer a partir de uma abordagem histórica as várias fases de desenho do espaço, bem como suas transformações e intervenções ocorridas ao longo do tempo. Como objeto específico foram escolhidos 4 espaços simbólicos e

representativos de cada escala para a realização do estudo de caso: A Praça dos Três Poderes, A Praça do setor comercial - Conjunto Nacional; A praça do Compromisso, nas quadras habitacionais das 700, e os espaços livres da quadra modelo SQS 308. Nessa etapa buscou-se definir também as diversas práticas de sociabilidade e apropriação que se desenvolveram nos espaços a serem estudados, destacando os momentos de transformação morfológica e simbólica mediante o processo de metropolização da cidade;

3. Pesquisa documental a partir da coleta de dados referente ao levantamento dos projetos de intervenção que se consolidaram como prática urbana patrimonial, sobretudo os processos de revitalização e requalificação de espaços públicos a partir da década de 80, com a observação da dinâmica de uso e apropriação no contexto citadino contemporâneo. Nessa etapa foi importante traçar um panorama dos principais temas que envolvem o debate atual sobre a cidade e o uso dos seus espaços livres, bem como elencar um conjunto de práticas projetuais que conferem melhor qualidade e vitalidade aos espaços;
4. A pesquisa também realizou um levantamento sobre os modelos das praças brasilienses para estabelecer parâmetros comparativos aos espaços de praças tradicionais, destacando as transformações ocorridas. Complementação com levantamento fotográfico;
5. Pesquisa analítica desenvolvida a partir da aplicação da ferramenta da sintaxe espacial e da leitura de configuração dos espaços públicos coletivos destacados no estudo. Metodologia, essa, desenvolvida por Ludmilla Fernandes e Valério Medeiros. Nesse processo foi utilizado o programa UCL Depthmap 10, para o desenvolvimento dos mapas axiais. Esse programa produz diversos níveis de processamento, o primeiro deles corresponde a gráficos geométricos em três grupos de informações: Número por linha, Conectividades por linha e o Comprimento por linha (Ref number, Connectivity e Line Length respectivamente). A partir da comparação e classificação de cada linha individualmente com as demais do sistema, o programa permite a leitura dos graus de importância que são expressos por meio de cores variadas.
6. Análise de dados resultante das diversas fontes;
7. Considerações finais.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 CONTEXTO HISTÓRICO DAS PRAÇAS

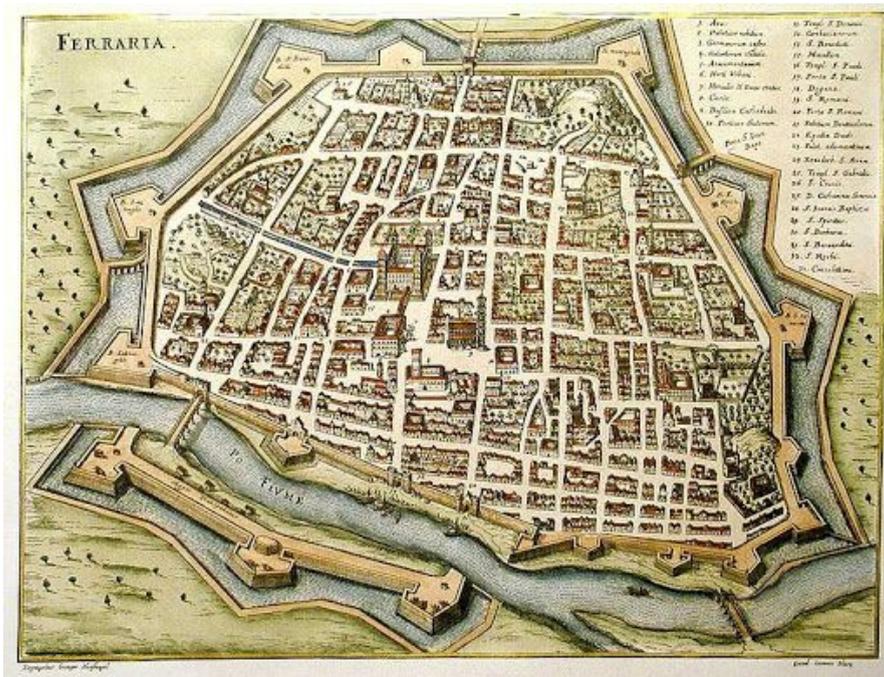
A praça é um elemento urbano o qual possui presença humana confirmada, pois sedia os principais eventos sociais, relacionados às atividades comunitárias e de lazer. A definição de praça varia de acordo com cada cultura, na Antiguidade a praça, denominada àgora ou fórum era um espaço de transmissão de conhecimento e cultura, onde a população expunha idéias e decisões políticas eram tomadas, conseqüentemente configuravam lugares com maior infraestrutura.⁹

Na Idade Média, as praças eram voltadas para julgamentos, comércio e rituais religiosos. Com a mudança urbanística das cidades, que passaram a ser fortificadas, os núcleos citadinos continham praças vazias com a presença de construções importantes no seu entorno e com um menor cuidado estético como exposto no livro, História da arquitetura mundial¹⁰. A cidade de Ferrara, na Itália, é um ótimo exemplo dessa composição, como pode-se observar na figura abaixo (Fig. 4).

Figura 4 - Plano da cidade medieval de Ferrara - destaca-se ao centro o vazio das praças (Itália)

⁹ FAZIO, M., MOFFETT, M., e WODEHOUSE, L. (2011).

¹⁰ FAZIO, (*op.cit.*).



Fonte: <https://earthlymission.com/maps-of-medieval-cities/> - acesso em 25/10/2020

Segundo Morris (1992, p.108-111) devido as cidades serem essencialmente voltadas para o comércio, os principais espaços públicos das cidades medievais se tornam a praça do mercado e a praça da igreja, principalmente pelo fato dos burgueses serem os principais patrocinadores das construções de igrejas católicas.

As praças portavam inúmeros mobiliários como, estátuas, chafarizes, memoriais e outras obras de arte locais, esse acervo era motivo de grande felicidade, pois eram lugares de grande concentração de pessoas e de festividades. Dependendo da demanda da cidade, verificava-se a existência de duas ou três praças. O autor destaca também que a forma e as dimensões das praças se relacionam diretamente com a função existente, como a praça de mercado, da prefeitura, ou da igreja, entre outras.

Tanto no período da Idade Média, como na Renascença, as praças se mantiveram como espaços de encontro da população, geralmente ligadas a um conjunto de edifícios históricos, como exemplo pode-se destacar a Piazza delle erbe, na cidade de Verona.

No entanto, com o advento do movimento cultural e artístico do Renascimento, e posteriormente o Barroco, as praças ganharam um sentido mais amplo. Com a construção de palácios suntuosos e o desenvolvimento de um novo modelo de vida urbana, as praças receberam um tratamento mais rebuscado, e artístico. Conjuntos de edifícios de fachadas

idênticas, espaços geometricamente projetados e mais ordenados com recursos visuais, como desenhos no piso e monumentos em destaque, como é possível observar nos modelos de *Places Royales* francesas, de *Plaza Mayor* espanholas ou nas *Squares* inglesas, cujo novo *design* incluiu o ajardinamento, com a valorização de canteiros e espelhos d'água.

Figura 5 - Primeira Praça Real da cidade de Paris, *Place Royale*, atual *Place des Vosges* (França)



Fonte: <http://www.cosmovisions.com/monuParisPlaceVosges.htm> - acesso em 25/10/2020

Figura 6 - *Plaza Mayor* da cidade de Madrid



Fonte: <https://desbravandomadrid.com/curiosidades-plaza-mayor/> - acesso em 25/10/2020

Figura 7 - *Grosvenor Square* - modelo de praça residencial inglesa, Londres (Inglaterra)



Fonte: <https://www.ft.com/content/569361b2-abfa-11e6-ba7d-76378e4fef24> - acessado em 25/10/2020

Gradativamente, as praças passaram a desempenhar o papel de espaços de contemplação e de relaxamento, destinadas também a novas funções tais como lugar de caminhadas - *footing*, e exposições culturais.

As praças ajardinadas consolidaram-se como tendência de modernização urbana, a partir do século XIX. As grandes capitais européias buscaram remodelar suas cidades, instituindo novos traçados geométricos, alongando vias, desenvolvendo o transporte coletivo, criando parques e jardins e configurando praças monumentais, fator que influenciou diretamente a concepção da cidade de Brasília. Embora as grandes reformas européias tenham influenciado algumas cidades da América, os motivos foram distintos e diferentes. Na Europa, o objetivo foi introduzir áreas livres na malha densa e conturbada da cidade, já na América, projetar cidades organizadas, sob a aura de uma “nação civilizada”.

Essas alterações ocorridas na Europa, transformou o espaço urbano com a inserção de novos equipamentos, novas áreas de convívio, ou mesmo revitalizando áreas degradadas, modificando os hábitos e costumes da população local. A rua, por outro lado, se transformou, prioritariamente, em um local destinado ao bom deslocamento do fluxo de automóveis.

Depois da Revolução Industrial, as cidades começaram a se desenvolver em um ritmo muito acelerado, modificando a estrutura organizada tradicionalmente. Observou-se uma predisposição à setorização espacial, em função de atividades resultantes do próprio processo industrial: zonas industriais, centros comerciais, moradia, lazer, trabalho, com uma visão da praça como espaço livre.

Na idealização do urbanismo europeu moderno, há um conjunto de princípios fundamentais, tais como: espaços amplos e abertos, a ordenação dos espaços, a presença do verde fazendo referência ao espaço higiênico, um traçado quadriculado, e a setorização. Aspectos os quais foram utilizados na implementação das praças em Brasília.

Atualmente, existem muitas destinações para os espaços de praças, no entanto, nota-se que a partir do movimento moderno, com o crescimento contínuo das cidades e uma maior necessidade de acomodar o fluxo de veículos, muitas praças encontram-se cercadas por estacionamentos, variando sua função e uso de acordo com a demanda da sociedade.

Na Europa, principalmente na Itália, as praças continuam fiéis aos costumes tradicionais. Constituem espaços vazios, propícios ao encontro e as atividades cotidianas, além de permanecerem circundadas por conjuntos arquitetônicos significativos, mantendo grande parte do seu simbolismo histórico. Como pode-se observar em destaque na Piazza delle erbe, em Verona.

Figura 8 - Piazza delle erbe, Verona em 2016



Fonte: google street view - acessado em 25/10/2020

Figura 9 - Piazza delle erbe, Verona em 2019



Fonte: google street view - acessado em 25/10/2020

4.1.1 A PRAÇA BRASILEIRA

No Brasil, a maioria das praças constituem espaços urbanos ajardinados, porém, na origem do Brasil colônia, esses espaços eram amplos e vazios, e se localizavam geralmente na frente de edifícios importantes como igrejas e palácios públicos, característica herdada da tradição portuguesa.

No desenvolvimento das cidades brasileiras, as primeiras construções a serem erguidas eram: uma igreja, uma prefeitura e um mercado, e unindo essas construções, havia um espaço aberto, de fácil circulação, sem intenção ou necessidade de existir uma área arborizada ou atrativa¹¹.

Caldeira (2007) afirma que “a beleza da praça é constituída a partir da história que ela carrega”, por meio de seus desenhos paisagísticos e urbanísticos, por meio da interação que ela possui com o meio e as formas de apropriação pela sociedade, se transformando assim em espaços de memória e alma da cidade. Em seu estudo sobre o panorama histórico da praça brasileira, como espaço coletivo, mostra que tais espaços possuem uma enorme diversidade nas cidades, permitindo uma imensa complexidade de formas e diferentes funções. Com enfoque na cultura ocidental, afirma que a praça, desenvolveu uma significativa importância na vida cotidiana, pois representa espaços onde a sociedade se reúne, e em relação à malha urbana, representa vazios que produzem uma ruptura entre paisagem e edificações, são considerados marcos visuais no espaço e possuem um caráter multifuncional, valorizando assim o espaço ao redor dela.

“A praça representa uma espécie de espaço camaleônico, capaz de se modificar e se adaptar às transformações das cidades, possibilitando

¹¹ MARX, M. (1980)

apropriações diversas. Essa peculiaridade fez com que a praça adquirisse, historicamente, uma diversidade de formas e funções, sem perder sua essência como espaço coletivo.” (CALDEIRA, 2007)

Em relação às praças cívicas brasileiras, pode-se identificar, a partir da literatura, duas linhas conceituais, as que abordam feições de desenho/ geométricas ou as que exploram as dinâmicas socioespaciais, que derivam para aspectos de uso/ função. Manuel Teixeira (2001), defensor da primeira vertente, afirma que no Brasil, as praças com base na geometria surgem no século XVI, vinculadas aos espaços religiosos, mantendo sua rigidez ao longo dos dois séculos seguintes, além de estabelecer um ponto focal significativo, que se destaca ainda mais pelos edifícios que as limitam e geram uma perspectiva mais rica em detalhes. Já Caldeira (2007)¹² vincula-se, notadamente, à segunda abordagem de praças. A autora, analisa a trajetória da praça brasileira concomitantemente ao desenvolvimento dos processos urbanísticos no território.

A partir do século XVII, a praça brasileira adquire o papel de centro simbólico repleto de funcionalidades, rodeada de edifícios com grande importância política, as quais necessitam de espaços livres para a geração de aglomeração popular e reuniões cívicas, sendo estas configurações que originaram as primeiras praças cívicas do país, explica Fernandes e Medeiros em *“As praças cívicas pós-independência do Brasil”*¹³.

O segundo momento de formação das praças cívicas no Brasil, se deu pela consolidação das capitais estaduais, Belo Horizonte, Goiânia, Brasília, e Palmas, no qual, segundo Caldeira (2007), a praça destaca sua concepção espacial e afirma sua importância simbólica.

Um panorama importante abordado pela autora é a modernização dos espaços urbanos brasileiros, os quais obtiveram uma acentuada transformação após a Proclamação da República e a Primeira Guerra Mundial, fatores que produziram uma intensa atividade, sobretudo de renovação de áreas como centros históricos. A modernização dessas áreas pode ter se dado por dois motivos: a primeira, ao aspecto simbólico, tentando criar uma nova atmosfera que não fizesse conexão ao passado colonial, monárquico e escravista e a segunda, seria uma reforma política sanitária capaz de combater as péssimas condições

¹² CALDEIRA (2007).

¹³ FERNANDES e MEDEIROS (2014).

higiênicas. Nessa linha histórica do tempo, as praças tiveram um importante significado na constituição de um cenário urbano.

Importante crítico do desenvolvimento das cidades modernas, ao fim do século XIX, Camillo Sitte (1992), em sua obra, *A Construção das cidades segundo seus princípios artísticos*, reflete sobre a beleza das cidades antigas e seus espaços tradicionais, destacando o caráter de aconchego e certa “paz de espírito” em quem observa sua paisagem. Analisa, então, os aspectos técnico-artísticos de cidades antigas versus cidades modernas, destacando alguns princípios que serviriam de antídoto para a tendência do modernismo técnico, árido, que aniquila, ao seu ver, a beleza das cidades antigas. Sitte defende que a cidade precisa ser construída sob a visão do cidadão, tendo como ponto de partida a valorização do espaço da praça, pois esta possui a função de unir partes das cidades e possibilitar o convívio social. Podemos verificar certa conexão com a concepção da cidade de Brasília, por ser uma cidade nova rodeada por modernismos técnicos.

Por possuir um caráter multifuncional, as praças recebem uma grande importância nas cidades, aumentando a qualidade de vida ao redor do local onde está inserida. Atualmente, observa-se nas políticas públicas uma busca pela melhoria da qualidade de vida, onde o principal quesito fundamenta-se na restauração dos espaços públicos/coletivos, destacando a revitalização de praças e centros históricos.

Em torno deste tema, a pesquisa buscou analisar quatro praças no Plano Piloto de Brasília, com o objetivo de estudar como o espaço é afetado pela sua configuração espacial, pelo seu entorno, e pela utilização do espaço público pelos cidadãos.

4.2 A CONCEPÇÃO URBANA DE BRASÍLIA - UMA EXPERIÊNCIA MODERNISTA

Brasília¹⁴ foi uma cidade planejada e inaugurada em 21 de Abril de 1960, no governo do presidente Juscelino Kubitschek (JK), com o propósito de deslocar a sede do governo da ex-capital, Rio de Janeiro, para a região central do Brasil¹⁵. Conforme a data de expedição

¹⁴ Considera-se, no trabalho, Brasília como a área planejada do plano Piloto.

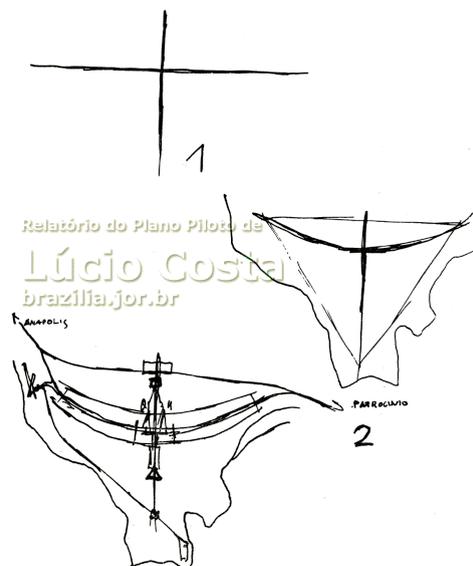
¹⁵ A República do Brasil teve duas cidades-capitais anteriores à Brasília: Salvador (1549-1763), representando a sede da metrópole lusitana na colônia brasileira, e o Rio de Janeiro (1763-1960).

indica, a ideia de transferência da capital antecedeu em muito sua inauguração, pois desde o governo de Floriano Peixoto¹⁶ tem-se expedições de mapeamento da região para cumprir os requisitos de metas mudancistas¹⁷.

Brasília possui um desenho elaborado pelo urbanista Lúcio Costa e muitas de suas construções foram projetadas pelo arquiteto Oscar Niemeyer. Projetada sob as bases do urbanismo modernista, amplamente defendidos nos CIAMs e na Carta de Atenas de 1933, o Plano Piloto¹⁸ de Lúcio Costa constitui um modelo único de composição formal e urbanística, organizado a partir do conceito de setorização e zoneamento. Nas palavras de Lucio Costa:

“se caracteriza pela simplicidade e clareza do risco original, o que não exclui, conforme se viu, a variedade do tratamento das partes, cada qual concebida segundo a natureza peculiar da respectiva função, resultando daí a harmonia de exigências de aparência contraditória” (COSTA, 1957, art. 23).¹⁹

Figura 10 - Croquis do Plano Piloto feito por Lúcio Costa



¹⁶ Militar e político, foi o segundo presidente do Brasil, cujo governo abrangeu o maior período da história que ficou conhecida como República da Espada.

¹⁷ Observa-se a presença dessas Metas, na Constituição de 1891, sendo a primeira do período republicano, responsável por estimular a mudança da capital.

¹⁸ Ver: Costa, Lúcio. *Relatório do Plano Piloto de Brasília*. Brasília, 1957 e *Registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

¹⁹ link: <http://doc.brazilia.jor.br/plano-piloto-Brasilia/croquis-Lucio-Costa-01-02.shtml> - - acesso em 26/10/2020

O primeiro croqui, representa o Plano Piloto, que consiste no cruzamento de dois Eixos como o ponto inicial. O eixo rodoviário possui um arqueamento para se acomodar no relevo, e moldar a cidade aos contornos do lago Paranoá²⁰. Já o segundo croqui apresenta o desenho básico urbanístico de Brasília com as principais vias representadas: Via EPIA (Estrada Parque de Indústria e Abastecimento) passando a oeste do Eixo Monumental, representado pela estação ferroviária e pelo Setor de Indústrias e Abastecimentos, a Avenida das Nações ligando o aeroporto, o setor das embaixadas, a Praça dos Três Poderes, e o Palácio da Alvorada, a leste do corpo da cidade.

O projeto evidencia a relação espaço livre versus parcelamento tradicional, baseada na recusa do parcelamento de lotes em favor da ideia de um espaço contínuo ocupado por edificações laminares e pilotis, configurando, portanto, uma nova linguagem de espaço público/ coletivo.

Na concepção do Plano Piloto de Brasília, Lucio Costa organizou a cidade em quatro escalas: a monumental, ou coletiva, que configura-se ao longo do eixo, e onde se localizam as principais atividades administrativas federais locais; a escala gregária, a residencial, e a escala bucólica.

“É o jogo de três escalas que vai caracterizar e dar sentido a Brasília... a escala residencial ou cotidiana... a dita escala monumental, em que o homem adquire dimensão coletiva; a expressão urbanística desse novo conceito de nobreza... Finalmente a escala gregária, onde as dimensões e o espaço são deliberadamente reduzidos e concentrados a fim de criar clima propício ao agrupamento... Poderemos ainda acrescentar mais uma quarta escala, a escala bucólica das áreas abertas destinadas a fins-de-semana lacustres ou campestres”.²¹

Figura 11 - Diagrama de cheios e vazios - Brasília

²⁰ O Lago Paranoá foi construído artificialmente, um dos objetivos era amenizar as altas temperaturas do planalto central.

²¹ Lúcio Costa entrevista ao Jornal do Brasil, 8 de novembro de 1961.



Fonte: autoral, base do mapa: MapBox (2020)

Figura 12 - Escala Monumental - Esplanada dos Ministérios vista de cima da Torre de TV, em Brasília.

Foto: Toninho Tavares/Agência Brasília/Divulgação



Fonte: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/esplanada-e-eixo-monumental-serao-parcialmente-fechados-no-fim-de-semana.ghtml> / acessado em 09.05.2020

Figura 13 - Vista panorâmica da Escala Gregária



Fonte: foto Joana França

-<https://www.archdaily.com.br/br/872391/escalas-de-brasilia-pelas-lentes-de-joana-franca> / acessado em 27.10.2020

Figura 14 - Vista panorâmica da Escala Bucólica



Fonte: foto Joana França

-<https://www.archdaily.com.br/br/872391/escalas-de-brasilia-pelas-lentes-de-joana-franca> / acessado em 27.10.2020

Figura 15 - Vista panorâmica da Escala Residencial



Fonte: foto Joana França

-<https://www.archdaily.com.br/br/872391/escalas-de-brasilia-pelas-lentes-de-joana-franca> / acessado em 27.10.2020 ²²

4.3 AS PRAÇAS DE BRASÍLIA

Como cidade modernista, Brasília possui inúmeros espaços livres e muitos se configuram como praças. O traçado do Plano Piloto, região que abrange as áreas de pesquisa selecionadas, possui características peculiares as quais nortearam a escolha das áreas de estudo. O objetivo foi escolher espaços com características distintas, que representasse as várias escalas determinadas por Lúcio Costa: a Praça do Pedestre, localizada na estação central da rodoviária, representando a escala gregária; a Praça do Compromisso, nas quadras 700, como modelo da escada residencial; a Praça dos Três Poderes, na escala monumental e os espaços livres da SQS 308, como quadra modelo e escala bucólica.

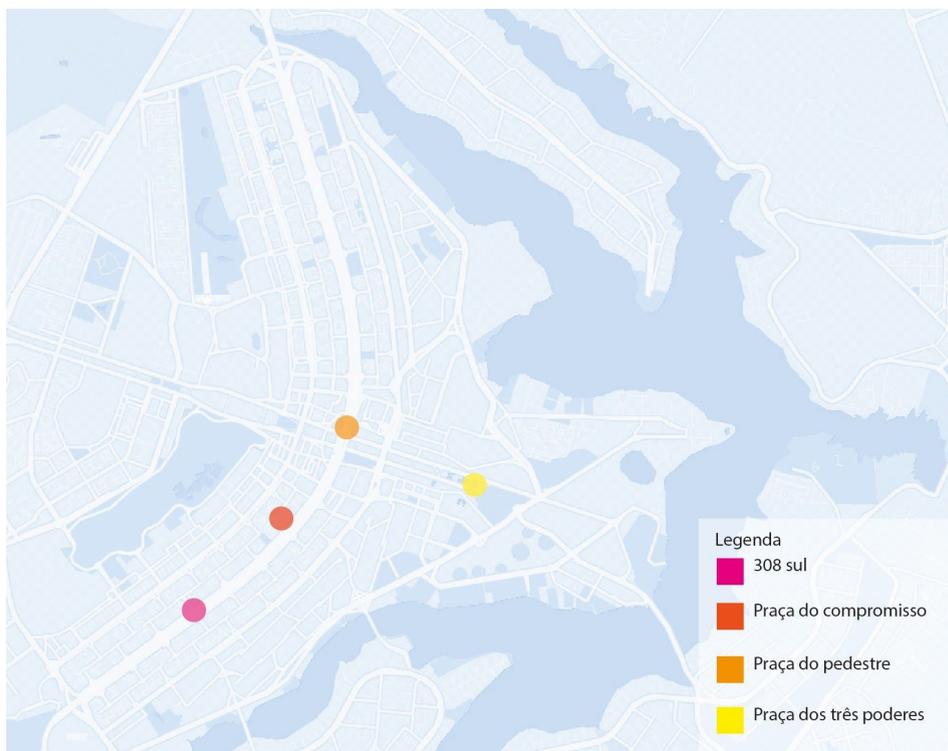
²² As fotos de Joana França foram publicadas no dia 30 de maio de 2017 no site ArchDaily - <https://www.instagram.com/p/BIF7Z2Qlhr/> - acessado em 25/10/2020

Figura 16 - Mapa com a localização de diversas áreas livres e praças do setor monumental, bancário e comercial e residencial da Asa Sul e Norte



Fonte: autoral, base do mapa: MapBox (2020)

Figura 17 - Mapa com a localização das praças e espaços livres estudados



Fonte: autoral, base do mapa: MapBox (2020)

4.4 SPACE SYNTAX - UMA ANÁLISE ESPACIAL

Como metodologia essencial para analisar a configuração do traçado e as relações desenvolvidas entre os espaços público/privado encontra-se a ferramenta da sintaxe espacial. O método desenvolvido na década de 80 por Bill Hillier, e seus colaboradores, na Universidade de Londres, funciona por meio da análise de linhas axiais e suas possíveis integrações. Como afirma Hillier, o método é “útil na previsão de fluxos de pedestres e veículos e no entendimento da lógica de localização de usos urbanos e dos encontros sociais. A medida de integração mede o quão “profunda”, ou distante, uma linha axial está de todas as outras linhas do sistema” (HILLIER et al, 1993).

A metodologia se baseia na análise de linhas e eixos que perpassam a superfície de um espaço. Observa-se a integração destas linhas, denominada axial, com as demais, onde, a que possui linhas próximas é classificada como integrada (estipula-se valores de integração, números superiores à 1,67) e a que não possui muitas conexões é classificada como segregada (com valores inferiores a 1)²³. Outro fato importante neste sistema são os núcleos integradores, os quais correspondem às linhas mais integradas do sistema (representado por uma porcentagem) e dependendo do desenho da cidade, pode ser classificada em forma de árvore ou grelha, abrangendo toda a cidade ou apenas uma parte.

O Movimento Natural pode ser entendido como a parcela do movimento total de pedestres em uma rede de espaços públicos determinada apenas pela sua estrutura configuracional, independente da presença ou não de atratores (HILLIER, 1996).

O movimento natural de pedestres e automóveis, são determinados pela configuração das ruas e praças, pelas conectividades, continuidades e ligações, onde a configuração do traçado gera por si só um padrão de movimentação o qual representa o definidor dos elementos urbanos - equivalentes ao uso do solo, de acordo com Hillier.

Em outras palavras, a quantidade de pedestre em uma determinada área comercial é a combinação de uma estrutura pré-determinada e atrações exercidas nas edificações, ou seja, os comércios tendem a se instalar em áreas que já possuem um fluxo determinado de

²³ Tabela de valores de acordo com Hillier e Hanson (1984) e fórmula MD (que demonstra a profundidade média de uma linha axial)

peças, aumentando assim exponencialmente a quantidade original de peças. Uma situação ao contrário não funcionaria corretamente, pois o comércio por si só não atrai fluxo.

4.5 CARACTERIZAÇÃO DAS ÁREAS DE ESTUDO

4.5.1 A PRAÇA DOS TRÊS PODERES

“A Praça dos Três Poderes contém em cada um de seus vértices, simbolizando o equilíbrio entre eles, os poderes fundamentais da República: o Palácio do Planalto, sede do poder executivo; o Supremo Tribunal Federal, sede do poder judiciário; e o Congresso Nacional, sede do poder legislativo, todos projetados por Niemeyer.”²⁴

Como modelo de praça cívica, a Praça dos Três Poderes, foi idealizada para sediar o centro mais importante da cidade capital. Como típica praça cenário, seu desenho corresponde à configuração de um espaço vazio, sem mobiliário urbano, pertencente à escala monumental do Plano Piloto.

O desenvolvimento do urbanismo modernista marcou uma transformação no campo espacial, visível na ruptura com a morfologia das cidades tradicionais, influenciando diretamente os espaços de praças, as quais adquirem uma função de paisagem e abrigo de monumentos e não mais lugar de encontro do cotidiano. A praça cívica baseada nos fundamentos de ROLNIK (1992:28)²⁵ se torna um lugar voltado para manifestações sociais fundadas em relações “É a ideia do espaço como marca, como expressão, como assinatura, como notação das relações sociais, como cartografia das relações sociais.”. Retoma-se o desenho de praça seca, espaço livre e vazio cuja origem remonta à tradição das cidades da Antiguidade, porém inseridas em escalas bem diferentes. As imagens abaixo demonstram a relação de espaço livre/ monumentalidade encontrada nessa praça.

²⁴ ver: “O plano Piloto de Brasília e Suas Escalas” in <http://portal.iphan.gov.br/> acessado em 25/10/2020

²⁵ texto História urbana: História na cidade?

Figura 18 - Conjunto monumental da Praça dos Três Poderes - vista de diversos ângulos



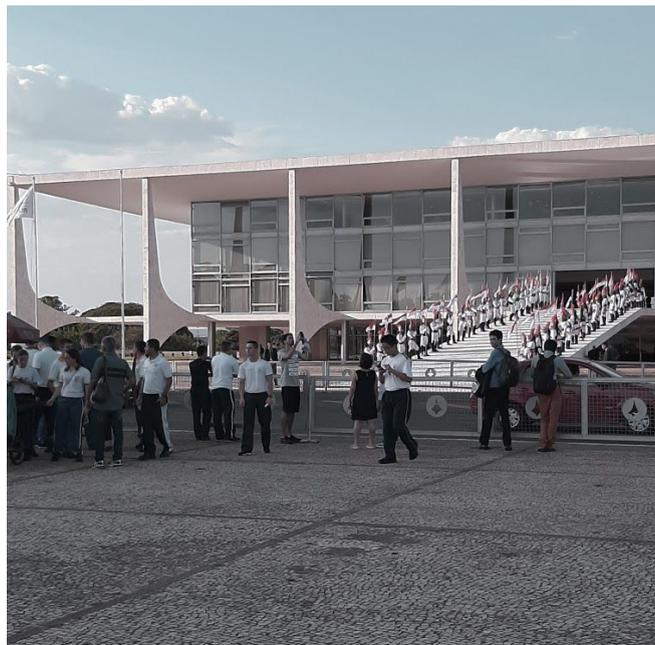
Fonte: acervo do autor

Figura 19 - Praça dos Três Poderes



Fonte: acervo do autor

Figura 20 - Praça dos Três Poderes - excursão da escola militar



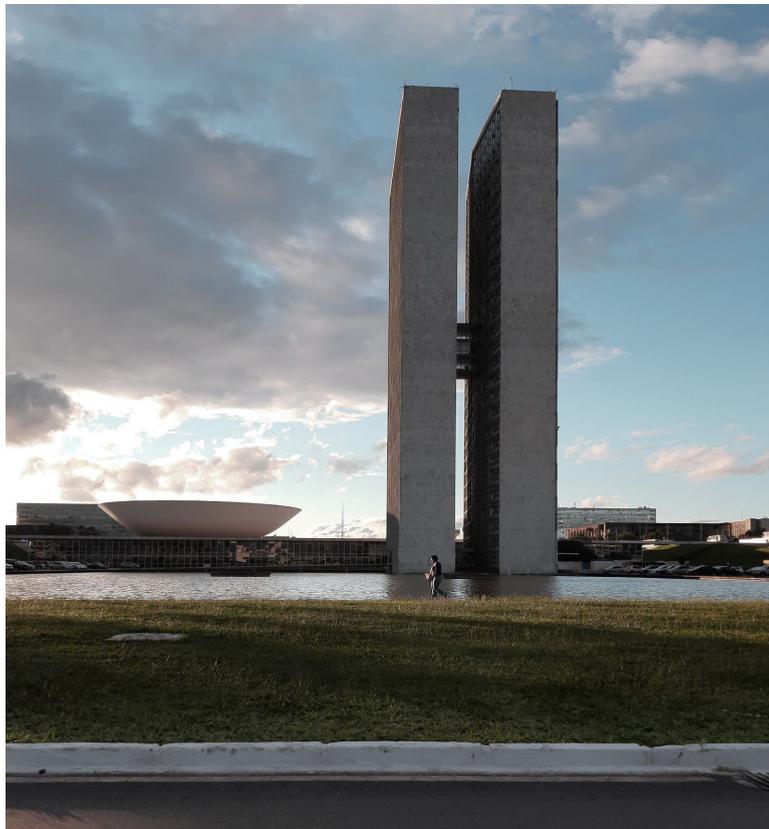
Fonte: acervo do autor

Figura 21 e 22 - Conjunto monumental da Praça dos Três Poderes - vista de diversos ângulos



Fonte: acervo do autor

Figura 23 - Conjunto monumental da Praça dos Três Poderes - vista de diversos ângulos



Fonte: acervo do autor

Figura 24 - Diagrama de estudo da diversidade dos usos da Praça dos Três Poderes



Fonte: Geoportal 2020

Figura 25 - Diagrama de estudo da diversidade dos usos da Praça dos Três Poderes



Fonte: autoral, base do mapa: MapBox (2020)

Ao observar a praça, notou-se alguns pontos de permanência frequentados pelos usuários, entre eles encontram-se alguns edifícios tais como: CAT (Centro de atendimento ao turista)(figura 28), espaço Lúcio Costa, Museu da Cidade e algumas instalações como: Os candangos (ou os guerreiros²⁶, presente na figura 19) e o pombal(presente na figura 18). Apesar dos edifícios e das esculturas serem permanentes, o Centro de Atendimento ao Turista já foi um restaurante por volta dos anos 70, onde também era muito comum na época o encontro de jovens na praça no final da tarde, como relatou o segurança do Museu da cidade em uma entrevista. Apesar de não existir vegetação na área, a praça possui alguns bancos de concreto espalhados, e os mesmos não possuem sombreamento, o que os torna pouco utilizados devido à alta incidência solar no clima da capital.

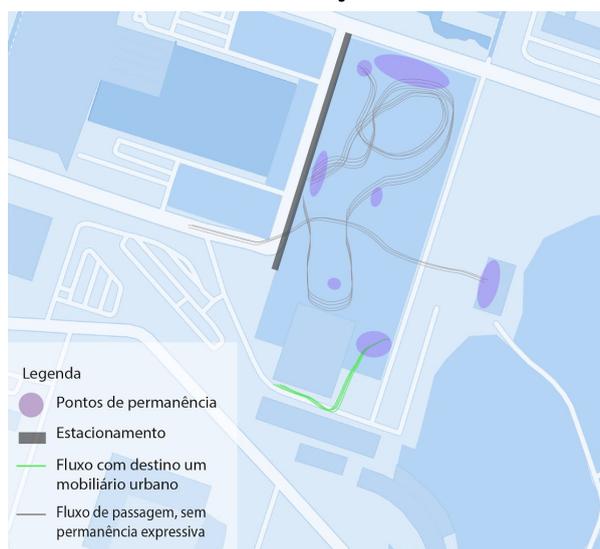
²⁶ Durante a construção da cidade, ocorreram inúmeras mortes, principalmente por acidentes de trabalhos. Uma das tragédias mais marcantes, foi a morte de dois jovens pedreiros: Expedito Xavier Gomes e Gedelmar Marques, que morreram soterrados. Em 1959, foi inaugurado uma obra, localizada na praça dos três poderes "Os Guerreiros" em homenagem aos dois operários.

Figura 26 - CAT- Centro de Atendimento ao Turista



Fonte: autoral

Figura 27 - Diagrama de estudo da diversidade dos fluxos e áreas de permanência - Estudo de observação



Fonte: autoral, base do mapa: MapBox (2020)

Figura 28 - Mapa axial Praça dos Três Poderes - Connectivity observa-se a ausência de linhas de conectividade espacial no ponto em destaque.



Fonte: autoral - programa Dephmap

A Praça dos três poderes em comparação às outras áreas de estudo, é a que menos recebe usuários. As pessoas que transitam na área são em sua grande maioria visitantes da cidade, em atividades cotidianas voltadas para o turismo. Há também as atividades esporádicas como a “troca da bandeira”, feita todo primeiro domingo do mês, e algumas manifestações, constituindo um espaço cívico de extrema importância para a sociedade. Algumas manifestações continuam acontecendo mesmo em tempos de pandemia, quebrando alguns protocolos de distanciamento. Devido à falta de conectividade entre as ruas ao redor, como observado na figura 28, os visitantes da praça dependem diretamente de automóveis, critério que determina o número de frequentadores por dia.

Figura 29 - Praça dos Três Poderes ocupado por manifestações de Indígenas 27/05/2014



Fonte: <https://fotospublicas.com/indios-fazem-manifestacao-na-praca-dos-tres-poderes/>

4.5.2 A PRAÇA DO COMPROMISSO

A Praça do Compromisso, mais conhecida como Praça do Índio, se localiza na entrequadra do Setor de Habitações Individuais Geminadas Sul - SHIGS - 703/704, no Plano Piloto de Brasília. As quadras da região residencial das 700 foram idealizadas para compor o setor de moradias, se estendendo de Norte à Sul da cidade.

Juntamente com esse setor residencial, as praças foram planejadas por Lúcio Costa para servir como ponto de encontro dos moradores locais e, atualmente, são bastante utilizadas pelos estudantes que frequentam escolas situadas no setor institucional do entorno.

As praças localizadas nas 700, possuem a função e a importância de uma área central, funções básicas sobre a cidade, elaboradas por LE CORBUSIER (1989, art. 77), apesar de não terem as proporções de uma área central, funcionam como um centro para o conjunto de casas ao redor. Áreas verdes com dimensões simbólicas de espaço, as praças das 700 possuem características morfológicas de “marco zero”, dentro da escala residencial, questões defendidas pelos autores: Robba e Macedo, *Praças Brasileiras* (2002), e na tese de Junia Caldeira, *A Praça Brasileira. Trajetória de um espaço urbano: origem e modernidade* (2007).

A Praça do Índio, como é conhecida na região, é uma praça frequentada por moradores das proximidades, em grande maioria, e estudantes da região, já que por serem espaços verdes, funcionam como um grande parque para as crianças.²⁷

Essa Praça contém os principais elementos descritos por Jane Jacobs (1961) para alimentar e produzir vivacidade, pois seu entorno é pulsante e alimentado pelos estudantes, possui centralidade, a separação público/ privado (região das casas) é bem delimitada, como modelo de espaço mais convencional permite a diversidade de usos, possui áreas de sombra e áreas ensolaradas, e mobiliário adequado como visualizado nas imagens abaixo.

Figura 30 - Praça do Compromisso e entorno das quadras 700



Fonte: Google earth 2013

²⁷ Por ter áreas verdes em abundância e um caráter histórico, algumas escolas da região já fizeram passeios turísticos para a praça, como é o caso das escolas: La Salle e Leonardo da Vinci - afirmaram alguns alunos em entrevista.

Figura 31, 32, 33 e 34 - Praça do Compromisso - vista de diversos ângulos



Fonte: acervo do autor

Figura 35 - Praça do Compromisso - vista de diversos ângulos



Fonte: acervo do autor

Figura 36 - Mapa de estudo do entorno da Praça do Compromisso



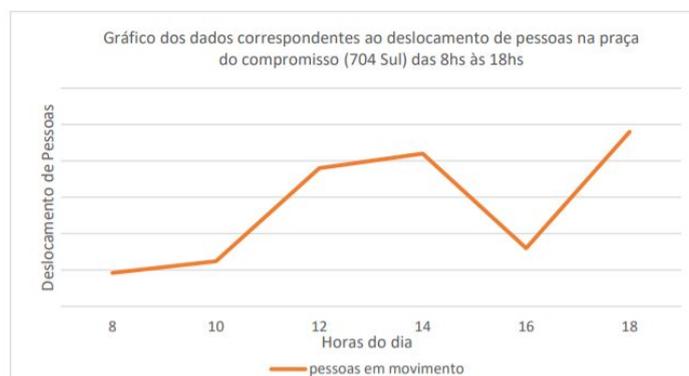
Fonte: autoral, base do mapa: MapBox (2020)

Figura 37 - Mapa de estudo do entorno da Praça do Compromisso



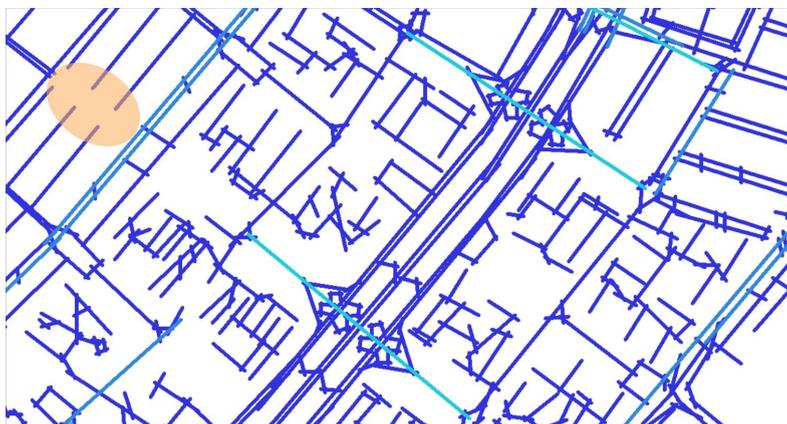
Fonte: autoral, base do mapa: MapBox (2020)

Figura 38 - Análise do deslocamento dos usuários na área de estudo no período de 8 a 18 horas



Fonte: acervo do autor

Figura 39 - Mapa axial do pedestre - Connectivity



Fonte: autoral - programa Dephmap

Em relação à análise de conectividade, percebemos que existe um maior número de linhas que alimentam a malha urbana, em comparação a praça dos Três Poderes, demonstrando, notadamente, um maior grau de conectividade na área, como se pode observar na figura acima. O entorno possui atividades de caráter residencial, institucional e comercial, e possui uma formação mais compacta dos espaços livres, resultando em uma escala mais humana e menos monumental, propícia a gerar o encontro dos moradores e frequentadores da região.

O espaço foi observado durante a pandemia, e o que se encontrou foi uma leve modificação no horário de uso pelos moradores locais. Normalmente, os moradores se sentiam mais seguros em frequentar as quadras, parquinhos ou passear com os cachorros em horários de pico, mas atualmente, preferem sair de casa apenas para o essencial em horários onde o fluxo de pessoas é menor na região. Outro ponto interessante foi a iniciativa de uso do espaço por moradores que não tinham o costume de frequentar a praça, como no relato a seguir: “os moradores daqui da região estão utilizando mais os espaços abertos por causa da pandemia, menos chance do vírus se espalhar e uma maneira de manter a nossa cabeça no lugar” (relato anônimo de uma moradora).

Infelizmente, nota-se que, apesar de todo o potencial de uso da praça, o espaço encontra-se degradado, carecendo de uma maior manutenção. Muitas vezes as áreas públicas não possuem investimento do governo, e o espaço fica abandonado, com a maioria

das lixeiras degradadas, o paisagismo sem conservação e a iluminação noturna precária, o que acaba se tornando um problema para seus frequentadores.

As praças das quadras 700 são espaços essenciais ao cotidiano dos moradores e representam locais de sociabilidade propícios ao convívio e encontro, estudo defendido por Junia Caldeira. Apesar da pandemia afetar diretamente os encontros da população, a praça ganhou uma importância ainda maior como espaço higienizador e área fundamental para o aumento da qualidade de vida do local, mesmo que sem apresentar condições ideais.

4.5.3 A PRAÇA DO PEDESTRE

A Praça do Pedestre, também conhecida como Praça Lúcio Costa, localiza-se na frente do Teatro Nacional, (ao lado da rodoviária do Plano Piloto). A praça foi idealizada para compor o traço urbanístico da cidade e servir como local de apoio à escala gregária do centro comercial. Assim como o edifício do Conjunto Nacional, a praça foi prevista no plano urbanístico de Brasília, projetada por Lúcio Costa, para integrar o projeto do centro comercial da Plataforma da Rodoviária, que constitui atualmente área tombada pelo Patrimônio Histórico da Humanidade. Essa área elevada constitui o nó da região central do Plano Piloto. Nas palavras de Lucio Costa, vemos sua concepção:

A escala gregária, onde as dimensões e o espaço são deliberadamente reduzidos e concentrados a fim de criar clima propício ao agrupamento, tanto no sentido exterior da tradição mediterrânea como no sentido nórdico do convívio interior. As áreas destinadas a esta terceira escala são contíguas à plataforma, onde se cruzam os eixos da cidade. As vias são estreitas, com pequenas lojas, galerias e praças privativas dos pedestres; os cafés restaurantes, cinemas e teatros serão enquadrados por cinco pisos de escritórios para o comércio e as profissões liberais. (Costa apud GOROVITZ, 1985:64)

Figura 40, 41, 42, 43 e 44 - Praça do Pedestre - vista de diversos ângulos



Fonte: acervo do autor

Figura 45 - Mapa axial do pedestre - Connectivity



Fonte: autoral - programa Dephmap

A Praça Lúcio Costa possui inúmeras funcionalidades, espaço de descontração dos edifícios do entorno, a área oferece suporte para quem trabalha no Brasília shopping, e no Setor de Diversões Sul, mais conhecido como Conic²⁸, além de funcionar como uma espécie de *foyer* aberto para o Teatro Nacional.²⁹

Figura 46 - Mapa de estudo do entorno da Praça do Pedestre



Fonte: autoral, base do mapa: MapBox (2020)

A praça passou por uma reforma de restauro, que teve finalização em março de 2018, o objetivo foi aumentar a segurança e o conforto de quem passa pela região, resgatando o projeto original de Lúcio Costa, viu-se necessário a renovação da iluminação, vegetação, piso e passeios.³⁰

²⁸ Edifícios de caráter comercial localizados perto da praça.

²⁹ Atualmente o Teatro Nacional completa 6 anos fechado ao público, possuindo graves problemas de infraestrutura. Acessado 27/10/2020 <https://www.metropoles.com/distrito-federal/teatro-nacional-completa-cinco-anos-fechado-e-esta-em-situacao-critica>

³⁰ “O projeto foi desenvolvido pelo paisagista Fábio Camargo, sob coordenação da equipe de Arquitetura do Conjunto Nacional, com supervisão e aprovação pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), pela Secretaria de Estado de Gestão do Território e Habitação (SEGETH) e pelo Instituto Brasília Ambiental (IBRAM).” acessado 26/10/2020 https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/03/13/interna_cidadesdf,665911/praca-lucio-costa-conjunto-nacional-e-revitalizada-e-ganha-iluminacao.shtml

A área continua sendo bastante utilizada pela população mesmo em tempos de pandemia. Segundo algumas entrevistas no local³¹, essa praça passou a ter uma maior importância por ser um ambiente aberto, um ponto de espera e descanso. Sua proximidade com o terminal de ônibus é um fator decisivo para alimentar o espaço, pois durante todo o dia, e às vezes à noite, existe fluxo de pessoas na área.

Uma vez por semana ocorrem apresentações de teatro e dança no espaço, eventos aguardados por todos os trabalhadores do local, os quais tiram um tempo para assistir as apresentações. A praça como local de encontro e troca de conhecimento, é um verdadeiro *oasis* na rotina densa, principalmente em tempos de pandemia.

4.5.4 O ESPAÇO LIVRE DA SUPERQUADRA SUL 308

Brasília em todos os seus aspectos construtivos, escalas e setorizações tornou-se uma cidade modelo. Apesar de todas as exigências das superquadras e aspectos urbanos necessários de acordo com o plano de Lucio Costa, apenas uma superquadra se encontra em seu aspecto original, a Superquadra Sul - SQS 308. Como modelo residencial, a SQS 308 foi uma das primeiras a serem implantadas no Plano Piloto. Representa um símbolo das intenções de Lúcio Costa para o conceito de morar. Outra característica importante é o seu setor comercial local, essa superquadra possui serviços e comércios bem diversificados³².

Na área de estudo foram analisados 3 fluxos predominantes:

1- moradia (que corresponde à movimentação feita pelos próprios moradores) esse fluxo tem como objetivo final a área residencial onde a grande maioria é feita por algum tipo de automóvel.

2- passagem (que corresponde à movimentação na maioria das vezes realizada por não moradores do local) esse fluxo tem como objetivo final alguma área comercial do entorno ou uma quadra adjacente. Este fluxo (analisado *in loco*) possui uma maior intensidade nos horários de pico³³ (7:00, 12:00 e 18:00).

³¹ Todas as entrevistas feitas na pesquisa foram na fase de pandemia, e para reduzir os riscos de contaminação, foram entrevistas verbais feitas a distância (os áudios foram gravados).

³² Atualmente o comércio local das quadras mudou bastante, não existe tanta diversidade, como exemplo temos a rua das farmácias, das elétricas, das tintas e da moda.

³³ É uma parte do dia em cidades grandes onde o tráfego se torna mais significativo, congestionando as ruas e estradas, além do transporte público.

3- apreciação (que corresponde à movimentação na maioria das vezes realizada por não moradores do local) este fluxo é analisado em especial nesta superquadra por a mesma possuir o título de quadra modelo, fazendo com que receba visitas ao longo do dia por pessoas que passam algumas horas apreciando os pontos de permanência da área.

Um aspecto interessante analisado nas diversas quadras de Brasília foi o mobiliário urbano, o qual se torna mais presente nesta quadra em questão. Fator determinante para atrair o terceiro tipo de fluxo (apreciação).

Figura 47 e 48 - Espaço livre da SQS 308 - vista de diversos ângulos



Fonte: acervo do autor

Figura 49 - Mapa axial 308 sul - Connectivity



Fonte: autoral - programa Dephmap

O espaço residencial, Superquadra, possui uma conectividade de ruas acentuada, o que permite um maior número de frequentadores externos (que não residem na quadra). Por ser uma área residencial, e possuir um maior número de pessoas por m², em

comparação à praça dos Três Poderes, o fluxo é muito maior. Além disso, seu entorno possui uma maior diversidade, pois está próximo ao comércio local, às lojas da W3, às Escolas Classe e Escola-Parque, e à Igreja local.

Figura 50, 51 e 52 - Espaço livre da SQS 308 - vista de diversos ângulos, durante a pandemia



Fonte: acervo do autor

Figura 53 - Diagrama de estudo dos pontos de permanência e mobiliários urbanos



Fonte: autoral, base do mapa: MapBox (2020)

A Superquadra 308 Sul, recebe um olhar diferenciado dos moradores da cidade. Por ser uma quadra modelo, se tornou ponto turístico para os visitantes e um lugar de apreciação pelos moradores do Plano Piloto. Ao analisar a área, percebe-se no meio dos fluxos determinados pelas infinitas calçadas que transitam pelo paisagismo de Burle Marx, alguns pontos de permanência, que são áreas de estar dentro do paisagismo, caracterizando a área como um grande parque.

A Igrejinha, nossa Senhora de Fátima, se adaptou no período de pandemia, figura 46. Por ser uma capela e ter um espaço interno reduzido, buscou colocar suas cadeiras na área externa, seguindo os protocolos de distanciamento em tempos de pandemia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o intuito de compreender a influência dos espaços públicos do Plano Piloto de Brasília na interação dos frequentadores, foram analisados, de modo quantitativo e qualitativo, algumas atividades do cotidiano nas áreas de estudo selecionadas, buscando interligar a morfologia urbana com os usos dos espaços.

Os aspectos relativos às necessidades de uso do espaço público, induzem a escolha de uso e permanência em espaços considerados mais convidativos e acessíveis, como é o caso da praça do Compromisso, praça do Pedestre e a área da SQS 308 como espaço público. Já que as áreas, por serem mais ajardinadas, permitem maior conforto e permanência e um tempo de interação maior entre o indivíduo e o espaço público, além das ruas serem mais conectadas e possuírem pontos de transporte público, gerando uma maior acessibilidade ao local.

A praça dos Três Poderes possui uma diferença fundamental, pois sendo uma praça cívica, há a necessidade de ter grandes áreas livres, que permitam a organização de eventos políticos e sociais. Apesar do projeto urbanístico servir de palco para os edifícios do entorno, o objetivo da praça não é promover a permanência dos usuários e sim configurar um local de passagem, tendo como característica principal uma dinamicidade maior dos fluxos.

A investigação a respeito das áreas selecionadas, sugere que além dos pontos abordados na pesquisa, as rotinas são agentes modeladores das atividades desenvolvidas

nos espaços públicos, sendo assim, as atividades vigentes em um determinado tempo estão passíveis à alterações.

Pode-se concluir, portanto, que as escala do Plano Piloto de Brasília exercem influência direta no comportamento das atividades das áreas e nos usos dos espaços públicos, além da qualidade dos equipamentos públicos, mobiliários públicos e presença de áreas verdes que são fatores atrativos para a interação entre indivíduo e espaço público.

Com base nos resultados obtidos, verificou-se a necessidade de realizar mais entrevistas a fim de ampliar as amostras coletadas, gerando dados mais concretos sobre a interação das pessoas com as áreas selecionadas, obtendo assim análises mais precisas a respeito dos efeitos do planejamento urbano moderno no comportamento dos usuários dos espaços públicos estudados.

Propõe-se também, a ampliação da metodologia adotada em cidades com diferentes morfologias urbanas, a fim de desenvolver análises comparativas mais precisas entre as diretrizes urbanísticas existentes, além de observar a modificação dos usos nas áreas selecionadas ao longo do tempo, para entender melhor as necessidades dos frequentadores.

6. REFERÊNCIAS

BENEVOLO, Leonardo. *História da Cidade*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BORJA, Jordi e MUXI, Zaida. *El Espacio Público: ciudad y ciudadanía*. Barcelona: Electa, 2003.

CALDEIRA, Junia. *A praça brasileira: trajetória de um espaço urbano - origem e modernidade*. Tese de doutorado, Departamento de História, IFCH, Universidade Estadual de Campinas, 2007.

COSTA, Lúcio. *Relatório do Plano Piloto de Brasília*. Brasília, 1957.

_____. *Registro de uma vivência*. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

FERNANDES, Ludmila e MEDEIROS, Valério. *As praças cívicas pós-independência do Brasil - A leitura da monumentalidade pela configuração*. Set. 2014. Disponível em:

<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.172/5299> - acesso em 23/out/2020.

GEHL, Jan. *Cidades Para Pessoas*. São Paulo, Editora Perspectiva S.A., 2014.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1994.

HILLIER, Bill; HANSON, Julienne. *The social logic of space*. Londres: Cambridge University Press, 1984.

HILLIER, Bill; IIDA, Shinichi. *Network effects and psychological effects: a theory of urban movement*. University College London, UK, 1993. Disponível em: <Http://spacesyntax.tudelft.nl/media/Long%20papers%20I/hillieriida.pdf> - acesso em 23/out/2020

JACOBS, Jane. *Morte e Vida de Grandes Cidades*. São paulo, Editora WMF Martins Fontes Ltda, 2014.

JENCKS, C.A. *El lenguaje de la arquitectura posmoderna*. Barcelona: GG, 1986.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina; *Metodologia Científica*. São Paulo: Ed. Atlas, 7ªEd., 2017.

LAMAS, José M.R.G. *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

LAUANDE JUNIOR, Francisco de Assis. *Brasília: a Praça dos Três Poderes*. Brasília, 2008.

LE CORBUSIER, Charles. *A Carta de Atenas*. São Paulo: Hucitec, 1989.

MACEDO, Silvio. *Quadro do paisagismo no Brasil*. São Paulo: Editora Edusp, 2017.

MARCHI, Carlos. *A Praça - O espaço Público da sociabilidade*. 24/06/2015. Acesso em: <http://ipiu.org.br/apraca-o-espaco-publico-da-sociabilidade/> 15/04/2019 às 12:40.

MARX, Murillo. *Cidade Brasileira*. São Paulo: EDUSP, 1980.

MORRIS, Anthony E J. *Historia de la forma urbana*. Barcelona: GG, 1992.

ROBBA, Fabio e MACEDO, S. S. *Praças Brasileiras*. São Paulo: EDUSP, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.

ROLNIK, Raquel. *História Urbana: História na Cidade?* In FERNANDES, e GOMES, M. A. de F. Cidade e História. Modernização das Cidades Brasileiras nos Séculos XIX e XX. UFBA, Faculdade de Arquitetura, ANPUR, Salvador, 1992:27-29.

SENNETT, Richard. *O Declínio do Homem Público: as Tirantias da Intimidade*. Trad. Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Cia. das Letras, 1988. Santos. C. N. e Vogel, A. (coord) - Quando a rua vira casa. São Paulo, Projeto, 1985.

SIQUEIRA, Nayara Moreno de. A indisciplina que orienta: design no espaço urbano. 2016. 280 f., il. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo)—Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SOUZA, Maurício Pinheiro da Costa. Praças cívicas das capitais do Brasil : padrões espaciais e história. 2011. 211 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)—Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

TEIXEIRA, M. (coord.) A praça na cidade Portuguesa. Colóquio Portugal-Brasil. Lisboa: Livros Horizontes, 2001.

Sites consultados:

<https://www.archdaily.com.br/br/872391/escalas-de-brasilia-pelas-lentes-de-joana-franca>

<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1643/>

<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.172/5299>

<https://www.archdaily.com.br/br/872391/escalas-de-brasilia-pelas-lentes-de-joana-franca> - Acesso em 03/02/2020

<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1643/> - Acesso em 05/01/2020

<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.172/5299> - Acesso em 05/02/2020

<https://www.google.com/url?sa=i&url=http%3A%2F%2Fdailyinfographics.eu%2Famazing-maps-of-medieval-cities%2F&psig=AOvVaw34ck3dngeUzKhCjX7RDsbf&ust=1583510401943000&source=images&cd=vfe&ved=0CAIQjRxqFwoTCJCHllzag-gCFQAAAAAdAAAAABAK> - Acesso em 25/10/2020

<https://urbanidades.arq.br/2007/09/03/sintaxe-espacial/> - Acesso em 25/10/2020

<https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2018/03/13/revitalizada-e-com-iluminacao-nova-praca-lucio-costa-e-devolvida-ao-publico/> - Acesso em 24/10/2020

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2018/03/13/interna_cidadesdf,665911/praca-lucio-costa-conjunto-nacional-e-revitalizada-e-ganha-iluminacao.shtml - Acesso em 26/10/2020

<https://mdc.arq.br/2011/02/17/da-insustentabilidade-do-plano-piloto/> acessado em 11/10/2020

https://www.researchgate.net/figure/Figura-1-croquis-de-Lucio-costa-de-sua-proposta-para-Brasilia-no-concurso-de-1957-as_fig1_323411828 croqui lucio costa - 11/10/2020

7. APÊNDICE

7.1 Questionários realizados para compor a análise de uso das praças.

Devido a Pandemia, os questionários físicos foram transformados em depoimentos verbais, mantendo o distanciamento necessário, os quais continham as seguintes perguntas básicas:

Dados iniciais:

I- Nome:

II- Gênero:

III- Naturalidade:

Vivência:

I- Qual é o motivo da sua vinda a este espaço público?

II- Qual é a frequência que você visita este espaço público?

III- Qual é a sua percepção deste espaço público?

IV- A pandemia interferiu na sua utilização do espaço o qual se encontra?

7.2 Entrevistas

1- Jucilene, feminino, Brasiliense

Jucilene estava na praça do Pedestre, apreciando a paisagem e esperando o Brasília Shopping esvaziar um pouco para pagar algumas contas. Devido à pandemia, ela procura sempre estar em espaços abertos e sem aglomerações, mas algumas atividades do dia-a-dia não permitem isso, o que a faz recorrer para espaços abertos e arejados. Dona Jucilene adora essa praça por ter bancos, ao contrário do shopping.

2- Vilanir, feminino, Brasiliense

Dona Vilanir trabalha perto da praça e todos os dias por volta das 18:00 vai para os banquinhos da praça do Pedestre aguardar o seu filho buscá-la. Pelos motivos da pandemia, a mesma não gosta de aguardar dentro do shopping, o que antes não era um problema. A qualidade da praça a agrada “essas plantinhas aqui do lado ali, ela transmite uma energia positiva, estou achando que ela ficou muito boa alí, e assim, pelo movimento também é tranquila”.

3- Maria Betânia e Marcos, feminino e masculino, -

Dona Maria Betânia e seu amigo Marcos estavam na praça do Pedestre fumando e apreciando o entardecer. Dona Maria trabalha no shopping há algum tempo e frequenta a área sempre, afirma que a praça está em ótimas condições depois da reforma que ocorreu, segundo a mesma “antes só tinha um pé de árvore”, ela adora as apresentações públicas na área, todo sábado um grupo de garotos fazem uma apresentação artística, é a melhor parte do dia, afirma. Já Marcos, não trabalha na área, mas sempre que pode faz visitas à amiga para prostrar.

4- Renata Pires e Cecília Pires, feminino, brasiliense.

Renata e Cecília são irmãs. Renata mora na 308 sul e utiliza bastante o espaço público para descer com o filho, as áreas preferidas da criança são “os cogumelos e o laguinho”, espaços de estar projetados por Burle Marx, o parquinho presente na área não está em bom estado,

por ser um patrimônio tombado, acredita que não pode haver reformas na área, uma das críticas é o escorregador que é feito de concreto e não permite o uso. As duas são sócias do clube vizinhança, e passam sempre o final de semana com as crianças lá, “acho que as crianças usam mais o clube do que o espaço da quadra”, diz a moradora.

Cecília, Irmã da Renata, não mora na quadra, mas sempre que pode visita a irmã. As duas estão seguindo as regras no período de pandemia, e utilizando apenas espaços públicos.

(figura 48 - foto dos filhos da Renata e cecília brincando juntos)

5- Maria Fernanda Machado e Eduarda Machado, feminino, brasiliense.

Maria, 17 anos, a adolescente frequenta o espaço público desde pequena. Devido a pandemia começou a utilizar mais o espaço aberto, mas por encontrar a área cheia de crianças na parte da manhã, está preferindo só sair à noite. Acha a 308 uma quadra diferenciada por ter um “laguinho”, afirma que é um espaço atrativo, o que acaba convidando moradores externos para conhecer a área.

Eduarda Machado, mora na 108, mãe da Maria Fernanda, frequenta a quadra desde a adolescência, quando pequena estudava nas escolas da quadra e adorava brincar nas árvores. Atualmente um número maior de crianças estão visitando a quadra, mas nada se compara à época em que Eduarda era criança.

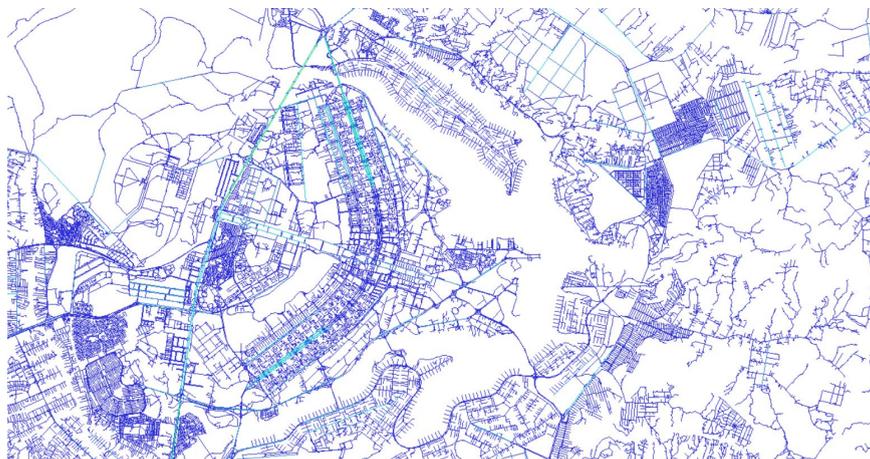
8. ANEXOS

Figura 54 - Mapa axial do Plano Piloto de Brasília- Connectivity



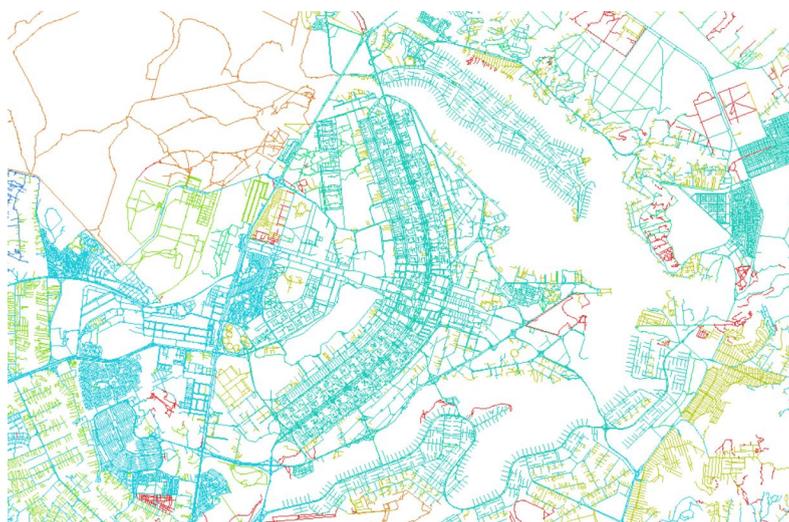
Fonte: autoral - programa Dephmap

Figura 55 - Mapa axial do Plano Piloto de Brasília- Line length



Fonte: autoral - programa Dephmap

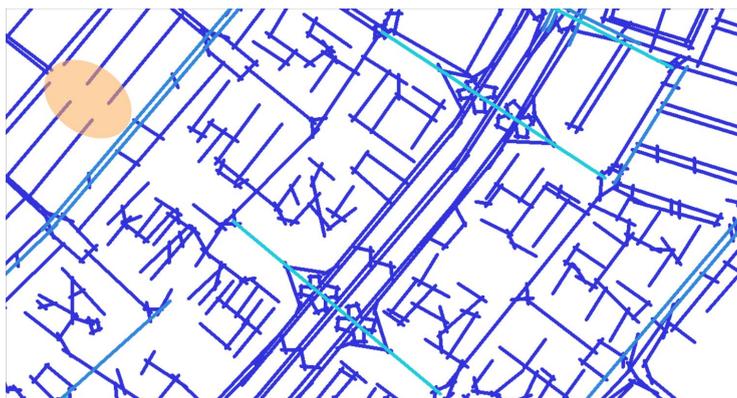
Figura 56 - Mapa axial do Plano Piloto de Brasília- Ref number



Fonte: autoral - programa Dephmap

Praça do Compromisso (Praça do Índio):

Figura 57 - Mapa axial praça do índio - Connectivity



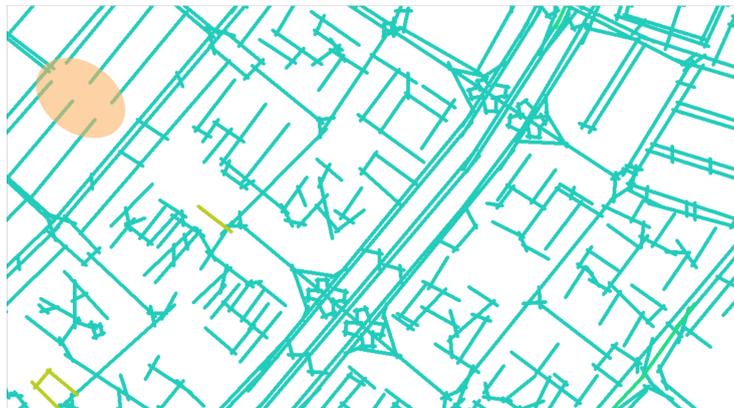
Fonte: autoral - programa Dephmap

Figura 58 - Mapa axial praça do índio - Line length



Fonte: autoral - programa Dephmap

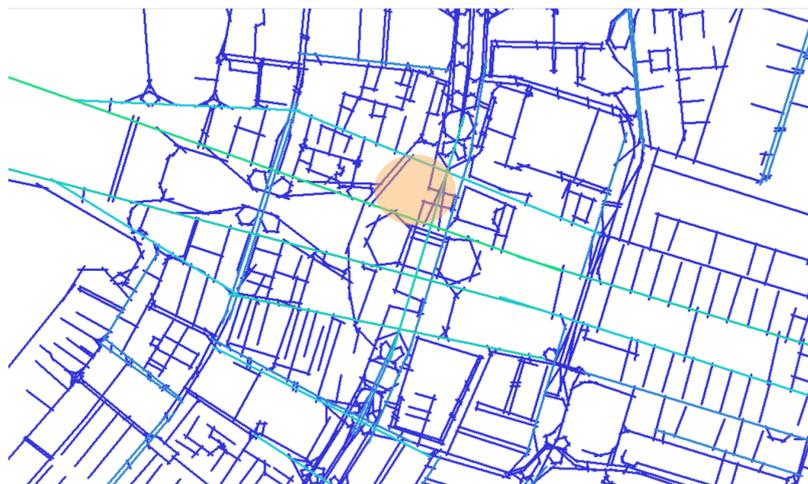
Figura 59 - Mapa axial praça do índio - Ref number



Fonte: autoral - programa Dephmap

Praça do Pedestre:

Figura 60 - Mapa axial praça do pedestre - Line length



Fonte: autoral - programa Dephmap

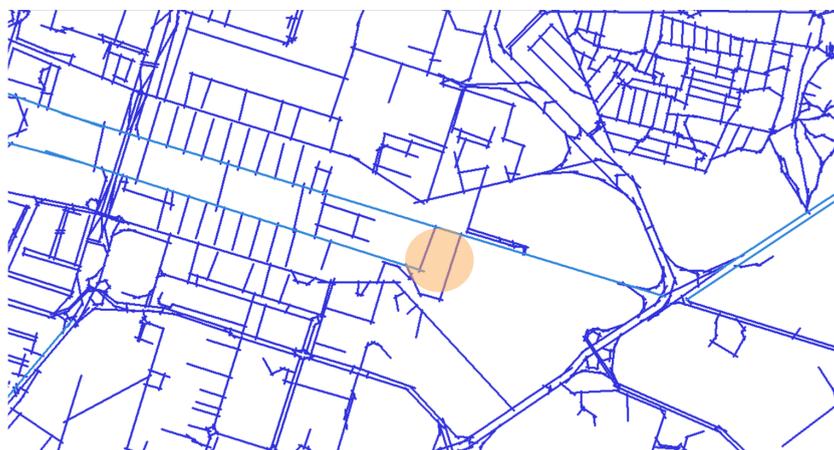
Figura 61 - Mapa axial praça do pedestre - Ref number



Fonte: autoral - programa Dephmap

Praça dos Três Poderes :

Figura 62 - Mapa axial praça dos três poderes - Line length



Fonte: autoral - programa Dephmap

Figura 63 - Mapa axial praça dos três poderes - Ref number



Fonte: autoral - programa Dephmap

Figura 64 - Mapa axial 308 sul - Line length



Fonte: autoral - programa Dephmap

Figura 65 - Mapa axial 308 sul - Ref number



Fonte: autoral - programa Dephmap

Figura 66, 67 e 68 - Espaço livre da SQS 308 - vista de diversos ângulos, antes da pandemia.



Fonte: acervo da autora